

## HÁ ESPAÇO PARA UM PENSAMENTO AUTÊNTICO NA PRODUÇÃO ACADÊMICA ATUAL?

Greyce Kelly Cruz de Sousa França<sup>1</sup>

O objetivo do presente ensaio é argumentar a favor da autenticidade na produção acadêmica frente a demandas institucionais que superestimam a metodologia científica e favorecem o trabalho exegético, quase sempre fazendo com que se tenham ótimos comentadores e especialistas, mas raros pensadores dentro das academias. Da mesma forma as pesquisas no interior da universidade, cujos resultados são conhecidos desde o princípio e cujas teses reafirmadas com base em teorias amplamente difundidas (com interpretações que recaem num lugar comum), são pouco empolgantes e tem colaborado para uma espécie de formação massificada em que a obtenção do título (para atender a critérios mercadológicos) se mostra como único fim.

Schopenhauer<sup>2</sup> detecta a decadência da literatura e critica os autores da sua época ao defender outro tipo de produção literária e filosófica contraposto ao modelo vigente. Ele chama a atenção, por exemplo à literatura de consumo; condena o ato de abandonar à leitura de clássicos em detrimento da leitura de novidades, bem como alerta para a degradação da língua pela utilização de uma literatura considerada por ele decadente. Ao tecer tais críticas ele se utiliza, algumas vezes de comentários depreciativos sobre a filosofia. Além disso, o autor atenta para a falta de clareza, a prolixidade e os neologismos como tentativas de aparentar erudição para omitir textos sem conteúdo; dessa forma, segundo ele, a inteligibilidade seria o disfarce dos maus escritores.

Schopenhauer afirma que “*os professores ensinam para ganhar dinheiro e não se esforçam pela sabedoria, mas pelo crédito que ganham dando a impressão de possuí-la*”<sup>3</sup>, ele aponta também para a mediocridade de alguns profissionais que não se esforçam para

---

<sup>1</sup> Psicóloga. Mestranda em Filosofia. Universidade Federal do Piauí. E-mail: [cruz.greycekelly@gmail.com](mailto:cruz.greycekelly@gmail.com).

<sup>2</sup> SCHOPENHAUER, A. *A arte de escrever*. 2009

<sup>3</sup> IDEM, 2009, p. 19.

saber o mínimo que seja fora daquilo no que são especializados. Há quem discorde e argumente em favor da especialização, ao afirmar que é impossível a uma pessoa saber um pouco sobre tudo, ou se dedicar a pesquisas diversas, sem foco. De fato é uma crítica contundente e aqui não há uma defesa de que um pesquisador deva assumir a função ‘megalomaniaca’ de estudar de tudo um pouco; o que há é uma chamada de atenção no sentido de possibilitar e viabilizar aberturas para diálogos entre os saberes, para intercomunicação, para a ampliação e aquisição de novas formas de enxergar aquele problema, aquela demanda, haja vista que *“a verdadeira formação para a humanidade exige universalidade e uma visão geral”*<sup>4</sup>, para que este embate de ideias ocorra de forma aberta e com a participação de docentes e discentes, pois ele deve interessar a todos e servir para oxigenar a criação e construção de pensamentos mais próprios.

Não se pode esperar que da universidade saiam bons escritores que não sejam igualmente bons pensadores, pois apenas se utilizar de uma linguagem rebuscada sem nada a propor, recairia no que Schopenhauer denominou ‘incompetência filosófica’. Segundo o autor, *“a cada trinta anos, desponta no mundo uma nova geração, pessoas que não sabem nada e agora devoram os resultados do saber humano acumulado durante milênios, de modo sumário e apressado, depois querem ser mais espertas do que todo o passado”*<sup>5</sup>. Ou seja, a população acadêmica se renova mas o ciclo e os modelos de ensino e aprendizagem se repetem. O que se pode depreender daqui é o fato da pouca preocupação por parte dos acadêmicos, em realizar uma leitura mais atenta e rigorosa, a ponto de poder elaborar melhor ao invés de somente repetir; de se apropriar da concepção de leitores e comentadores sem se dar ao trabalho de ir buscar na fonte que são as obras originais.

Geralmente *“estudantes e estudiosos de todos os tipos e de qualquer idade têm em mira apenas a informação, não a instrução”*<sup>6</sup> afirma. *“Não ocorre a eles que a informação é um mero meio para a instrução, tendo pouco ou nenhum valor por si mesma, no entanto é essa maneira de pensar que caracteriza uma cabeça filosófica”*<sup>7</sup>. Acerca disso

<sup>4</sup> SCHOPENHAUER, A. *A arte de escrever*. 2009, p. 31.

<sup>5</sup> IDEM 2009, p. 19.

<sup>6</sup> IDEM 2009, p. 20.

<sup>7</sup> IDEM 2009, p. 20.

Schopenhauer chega a questionar se o fato de não ter pensamentos próprios faria com que a pessoa se ocupasse em demasiado de ler e se ater a pensamentos alheios. Ele assegura que *“só chegará a elaborar novas e grandes concepções fundamentais aquele que tenha suas próprias ideias como objetivo direto de seus estudos, sem se importar com as ideias dos outros”*<sup>8</sup>.

Ainda conforme o autor *“a maior parte de todo o saber humano, em cada um dos seus gêneros, existe apenas no papel, nos livros, nessa memória de papel da humanidade. Apenas uma pequena parte está realmente viva, a cada momento dado, em algumas cabeças”*<sup>9</sup>. Chama-se atenção aqui para a presença de pensadores em cada época que, se já era escassa naquele tempo, hoje não se pode dizer diferente. Somado a isso ele aponta as barreiras linguísticas que dificultam o acesso à ideias de pensadores estrangeiros. Certamente nesse ponto, com o advento da internet e com as demais ferramentas tecnológicas acessíveis a um número cada vez maior de pessoas, estamos com certa vantagem em relação ao autor e seus contemporâneos.

Isso não implica, no entanto, que a aquisição e compartilhamento de conhecimentos se dê pra nós sem a presença de certas dificuldades, dentre as quais cita-se a qualidade (ou falta de qualidade) de algumas traduções. Ressalta-se a importância de ir direito à fonte e nesse sentido, exige-se certo esforço pessoal na qualificação para o aprendizado de outras línguas além da originária, pois essa habilidade ajuda a ampliar as possibilidades de acesso à conteúdos originais sem se tornar dependente única e exclusivamente de leituras secundárias (tradutores, comentadores, etc.). O pensar por si mesmo é tido pelo autor em alta conta, tanto que ele assegura que *“uma grande quantidade de conhecimentos, quando não foi elaborada por um pensamento próprio, tem muito menos valor do que uma quantidade bem mais limitada, que, no entanto, foi devidamente assimilada”*<sup>10</sup>.

Segundo ele, não é possível se dedicar ao pensamento de forma arbitrária, como acontece com o aprendizado, por exemplo. O pensamento precisa ser estimulado por assuntos que despertem interesse tanto subjetivo como (principalmente) objetivo. *“Quando*

---

<sup>8</sup> IDEM 2009, p. 21-22.

<sup>9</sup> SCHOPENHAUER, A. *A arte de escrever*. 2009, p. 29.

<sup>10</sup> IDEM 2009, p. 39.

*alguém pensa por si mesmo, segue seu mais próprio impulso, tal como está determinado no momento, seja pelo ambiente que o cerca, seja por alguma lembrança próxima*<sup>11</sup> ou seja, o pensador é aquele capaz de perceber a realidade que o cerca e formular questões a partir disso. Nisso ele difere de um mero leitor que acredita que a aprendizagem e todo conhecimento está encerrado nas páginas de um livro. Para Schopenhauer “os pensadores, os gênios, os fachos de luz e promotores da espécie humana são aqueles que as leram diretamente no livro do mundo”<sup>12</sup>.

Thomas Mann<sup>13</sup> indica que o gênio revela-se onde surge algo nunca antes intuído, onde algo inimaginável se materializa. Na mesma esteira argumentativa, conforme Schopenhauer só tem vida e são verdadeiros os pensamentos próprios e só estes podem ser entendidos de modo autêntico. E ainda: “*quem pensa por si mesmo só chega a conhecer as autoridades que comprovam suas opiniões caso elas sirvam apenas para fortalecer seu pensamento próprio, enquanto o filósofo que tira suas ideias dos livros, por sua vez, tem essas autoridades como ponto de partida*”. Ele afirma que “*a verdade conquistada por meio do próprio pensamento [...] pertence realmente a nós*”<sup>14</sup>. Nesse ponto há discordância entre a autora do ensaio e o autor em questão, no sentido de que há aqui o perigo de fazer dos seus pensamentos a verdade do mundo e das coisas, procurando respaldo apenas naquilo que os reforça e rechaçando qualquer forma de pensar diferente.

Não pode-se deixar de reconhecer a autenticidade do autor no que tange a forma com que ele elabora suas máximas, que vão de encontro a prévias concepções amplamente aceitas e que nos fazem questionar aquilo que achávamos que sabíamos e tínhamos como certo. Exemplo disso é ele criticar o ato da leitura ao afirmar que “*ler significa pensar com uma cabeça alheia, em vez de pensar com a própria. Nada é mais prejudicial ao pensamento próprio [...] do que uma influência muito forte de pensamentos alheios, provenientes da leitura contínua*”<sup>15</sup>. Aponta que é precisamente isso que faz um pensador científico: como precise de muito conhecimento se dedica a fazer muitas leituras e com isso compromete o

---

<sup>11</sup> IDEM 2009, p. 40.

<sup>12</sup> IDEM 2009, p. 41.

<sup>13</sup> MANN, T. *O escritor e sua missão*. 2011.

<sup>14</sup> SCHOPENHAUER, A. *A arte de escrever*. 2009, p. 43-44.

<sup>15</sup> IDEM 2009, p. 44.

pensar por si. Enquanto que um pensador tira suas conclusões de sua própria concepção imediata sobre as coisas, ao invés de buscar as respostas que os outros já forneceram.

O único problema é que o pensamento próprio é também espontâneo; *“ele precisa aparecer por si mesmo, por meio de um encontro feliz e harmonioso da ocasião exterior com a disposição e o estímulo internos”*<sup>16</sup>. Da mesma forma, no campo teórico é preciso esperar pelo momento certo para ser capaz do pensamento autêntico. Por isso, não se pode ler em demasia para não des acostumar, digamos assim, da disposição para o pensamento; não se deve a todo instante buscar as respostas prontas nos livros sem se dar antes ao trabalho de pensar a respeito da questão. A leitura não deve funcionar como um substituto automático e recorrente ao pensamento, é precisamente isso que o autor quer destacar. Depreende-se disso a diferença entre um pensador e um teórico: este repete, aquele cria.

Outra importante tópica criticado por Schopenhauer diz respeito à forma de elaborar a escrita. Ele critica aqueles que fazem da escrita uma forma de ganho monetário e que apresentam seus pensamentos de maneira enviesada, forçada e vacilante, sobretudo quando carecem de clareza em suas argumentações. Por outro lado defende que *“apenas aqueles que, ao escrever, tiram a matéria diretamente de suas cabeças são dignos de serem lidos”*<sup>17</sup>. Julga impertinentes os tradutores que tentam reelaborar os autores originais ao invés de escreverem suas próprias obras, atentando para o fato de se buscar consultar sempre a obra principal em vez de traduções. Tece uma crítica explícita às formas de plágio quando evidencia a falta de escrúpulo de escritores ao falsificar suas referências a outros escritores.

Adentrando um pouco no campo do pensar e do escrever, referente a questão inicialmente levantada, no que tange especificamente ao seio acadêmico, a filosofia universitária é o fundo diante do qual Schopenhauer<sup>18</sup> delinea o que seria a filosofia verdadeira. Para ele, o que marca o pensamento filosófico é a incompletude, ou seja, a filosofia não é uma ciência acabada; a principal tarefa do filósofo é o estímulo para o pensar (por si mesmo) contrapondo-se à receptividade ou reprodução passiva de determinado

---

<sup>16</sup> IDEM 2009, p. 47.

<sup>17</sup> SCHOPENHAUER, A. *A arte de escrever*. 2009, p. 58.

<sup>18</sup> SCHOPENHAUER, A. *Sobre a filosofia universitária*. 2001.

sistema filosófico. A filosofia é para ele um conhecimento racional que exige uma comunicação clara, por isso qualquer tentativa de obscurecê-la é fortemente criticada.

Ademais o pensar autêntico requer não a aquisição de conhecimentos técnicos específicos, mas uma espécie de sabedoria de vida que está intimamente relacionada com a pré-disposição para um constante questionamento e um esforço no sentido de buscar por si mesmo formular respostas para as questões que por si mesmo problematizou. Não se trata de seguir todas as regras e cartilhas que ditam como as coisas devem ser feitas; não há um método específico, uma experimentação exata que ao ser usada, conseqüentemente levará a resultados do tipo satisfatório. O pensar não é mecânico, não segue a passos determinados, não tem início meio e fim que possa ser facilmente identificado. O pensar é intuitivo, é esse esforço voluntário e necessário que nem todos estão dispostos a fazer; ele exige uma postura constante e ativa diante da vida, já que reflete a lógica do *cogito* de que é preciso pensamento pra existir.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MANN, T. *O escritor e sua missão*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

SCHOPENHAUER, A. *A arte de escrever*. Porto Alegre: L&PM, 2009.

\_\_\_\_\_. *Sobre a filosofia universitária*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.